

## MEMÓRIAS SUBMERSAS: BARRAGEM ARGEMIRO FIGUEIREDO E AS RELAÇÕES OCORRIDAS ENTRE A ESCOLARIZAÇÃO EM PEDRO VELHO/PARAIBA (2002-2004)

Maria Emília Andrade de Medeiros\*  
Vivian Galdino de Andrade\*\*

### Introdução

Este trabalho analisa, por meio das memórias dos pedrovelhenses, as relações ocorridas entre a Barragem Argemiro de Figueiredo, popularmente conhecida como Acauã, e o processo de escolarização dado através da Escola José Cosme Irmão, esta que estava localizada no antigo distrito de Pedro Velho, pertencente a cidade de Aroeiras na Paraíba.

O recorte temporal da pesquisa compreende ao anos de 2002 a 2004, e justifica-se inicialmente pelo período em que a comunidade é noticiada da conclusão da obra, e posteriormente quando o processo de escolarização passou a ser promovido em casas de placas, já no novo Assentamento, lugar que recebeu os ribeirinhos atingidos pela barragem, a qual submergiu o antigo povoado dentre outras populações ribeirinhas em 2004.

Acauã foi uma obra do Governo do Estado, com capacidade de 253.000.000m<sup>3</sup>, na época o terceiro maior reservatório de água da Paraíba, a qual tinha como principal objetivo levar o abastecimento hídrico as cidades de Aroeiras, Itatuba e Natuba. Investida de discursos de progresso e desenvolvimento, submergiu vários prédios escolares de comunidades ribeirinhas, sendo a principal responsável pela desorganização das culturas escolares promovidas pelas escolas e sociedades nas quais estavam inseridas, a exemplo da Escola José Cosme Irmão, que perdeu o seu prédio escolar, onde funcionava a escolarização dos pedrovelhenses, que na ocasião passou a acontecer em casas de placas, num cotidiano onde a cultura escolar, estabelecida, passou por mudanças, permanências e também ressignificações.

Neste sentido, os autores que nos ajudarão a ver e pensar os vestígios colhidos através das fontes históricas são Faria Filho (2007), Le Goff (1990) e Sandra Pesavento (2007) entre outros. Metodologicamente, nossa inspiração esta alicerçada nas contribuições de Meihy e Holanda (2015) os quais entendem a História Oral enquanto metodologia, propriamente dita, inclusive sendo rica e fértil para análise das fontes orais, a partir do cruzamento de informações com outras fontes históricas. Com este estudo concluímos que Acauã esteve diretamente ligada a desorganização da cultura escolar promovida pela Escola José Cosme Irmão, a qual, mesmo no novo cenário, onde o ensino funcionou em casas de placa lutou para manutenção de antigas práticas educativas, no novo cenário instaurado.

### **Barragem de Acauã: Uma explosão de memórias, histórias e sensibilidades**

- Mas um dia elas vieram

- Elas quem, diacho?

- As águas...

O diálogo estabelecido entre Zaqueu e Souza, personagens do filme *Narradores de Javé* (2004) pode representar o evento real ocorrido há dezoito anos atrás, que teve como cenário principal uma antiga comunidade denominada de Pedro Velho, pertencente a cidade de Aroeiras na Paraíba. Em 2004, o povoado foi subitamente submergido pelas águas represadas, do rio Paraíba, pela Barragem de Acauã.

Enquanto ia sendo inundado pelas águas, todo o povoado foi sendo retirado às pressas para um novo assentamento denominado, por alguns à época de, Vila, este que ficava/fica a aproximadamente 2 km do antigo lugarejo inundado. Acerca da represa que legou tantas perdas e memórias aos pedrovelhenses, sabe-se também que a Barragem de Acauã, como ainda é popularmente conhecida, traz em seu nome a associação com pássaro acauã, presente em várias regiões do Brasil.

Possivelmente, foi assim apelidada, em virtude dos vários “acauãs”, encontrados na fauna da área, diante do represamento das águas que passavam através do rio Paraíba pelo Antigo Pedro Velho. Dos muitos significados que o nome do pássaro adquiriu no Brasil, a música “Acauã”, composta por Zé Dantas e cantada pelo nordestino Luiz Gonzaga, traz a seguinte ênfase:

[...]

*Teu canto é penoso e faz medo. Te cala acauã,  
Que é pra chuva voltar cedo  
Que é pra chuva voltar cedo  
Toda noite no sertão  
Canta o João Corta-Pau  
A coruja, mãe da lua  
A peitica e o bacurau.  
Na alegria do inverno  
canta sapo, gaia e rã.  
Mas na tristeza da seca  
Só se ouve acauã  
Só se ouve acauã  
Acauã, Acauã...  
(ZéDantas, s/d)*

Acauã, nesta fonte oral, faz referência a um pássaro que entoia “maus presságios”: certamente suas águas, há dezenove anos atrás, afloraram os sentimentos de dor, medo e tristeza, conforme timbrados na canção, os quais foram compartilhados e experienciados pelos moradores atingidos pelo represamento das águas, tais como os antigos residentes de Natuba, Aroeiras e Itatuba, localidades estas atingidas por Acauã, além dos pedrovelhenses, é claro. A dita barragem que foi erigida, especificamente, em Melancia-PB. Segundo Correia *et al.* (2017, p.5), ela possui

*a capacidade total de acúmulo de 253.000.000 m<sup>3</sup> de água, retida em uma bacia hidráulica (área total de água represada) de 3.800 hectares, e uma represa em concreto com 446 metros de comprimento e 53,5 metros de altitude, e um represamento de aproximadamente 22 quilômetros de extensão (CORREIA et al, 2017, p.5).*

Os dados, mencionados acima, atestam a grandiosidade de uma obra dita arrojada, auspiciosa, em termos numéricos, que ocupa, atualmente, a 4ª posição entre as maiores barragens do estado da Paraíba, ficando atrás apenas dos açudes Epitácio Pessoa (466.525.964m<sup>3</sup>), Boa Vista (375.000.000m<sup>3</sup>) e Engenheiro Ávidos (293.617.376m<sup>3</sup>).

Considerando o aproveitamento hídrico das águas do Rio Paraíba, a barragem de Acauã, na época, seria o maior investimento do governo federal, no estado, com as obras iniciadas em 1982 (ANDRADE, 2014); depois de alguns fracassos e mudanças, especialmente em relação ao aproveitamento mais considerável das águas do rio, o local de sua primeira

construção foi alterado, ficando finalmente reconstruída nas proximidades de Melancia, durante o governo de José Targino Maranhão.

**Figura 1** – Balde da Barragem Argemiro de Figueiredo



Fonte: <<http://itatuba-noticias.blogspot.com>>, 2004. Acesso em: 08 jun. 2021.

Desde a década de 1980 ou, até mesmo antes, “burburinhos” e movimentações, sobre a construção da barragem já existiam entre os pedrovelhenses, consolidando – no decorrer do tempo – um imaginário de que isso seria quase impossível.

Ao rememorar, de modo geral, as ressonâncias da Barragem de Acauã, José Maria Filho (2020) afirmou que ela “*Nos trouxe o maior transtorno. Além de perdermos nossas moradias, com bens íntimos, terras e educação, perdemos também a nossa dignidade*”. Neste caso, nos parece que as perdas materiais e imateriais, conforme citadas, afetaram e impactaram suas emoções, mais exatamente afetando o sentimento de dignidade do narrador, levado embora pelos estragos de Acauã.

Outra depoente, Rosana Normando (2020) trouxe à tona em suas memórias representações passadas, ao narrar que o tal evento “*Foi chocante, foi dolorido, foi marcante, perda emocional, perda material, perda sentimental. A gente ver, ali, tudo sendo submerso pela água, de repente, sem poder fazer nada. O nosso Pedro Velho amado*”. Intercruzando as narrativas de Filho (2020) e Normando (2020) percebemos que ambos enfatizam sensibilidades afetadas pelas perdas provenientes da barragem, embora cada um deles as sentissem de forma diferente, visto que o primeiro é tocado pela falta de dignidade e a segunda pelo sentimento de impotência do nada poder/conseguir fazer diante daquela dada realidade.

Sensibilidades semelhantes parecem ter sido compartilhadas, especialmente, por aqueles pedrovelhenses que viram de perto a Escola José Cosme Irmão ser inundada, conforme podemos imaginar ao ver a imagem abaixo:

**Figura 2** - E. J.C.I. sendo inundada



*Fonte: Acervo pessoal de Gerivaldo Domingos, 2004.*

Neste registro imagético, além da Escola José Cosme Irmão, fundada durante a década de 1970, podemos ver o casal Fernando e Isabel, dando adeus à instituição educativa onde tomavam conta da barraquinha, esta localizada ao lado esquerdo da foto, onde podemos ver também as águas aproximando-se daquele prédio. Não demorou muito, e tudo foi rapidamente inundado. As águas que regiam a vida e o pulsar dos pedrovelhenses agora simbolizavam o motivo da expulsão de famílias. Vejamos o antigo lugarejo inundado. A seta sinaliza a antiga escola

**Figura 3** - Pedro Velho dias após sua total inundação



*Fonte: Acervo Pessoal de Osvaldo Bernardo, 2004.*

As impressões de Glauciane Cavalcanti de Medeiros, enquanto ex-aluna dessa escola, foram assim anunciadas:

*Era uma escola simples. Mas, lembro-me bem, das festividades do dia Sete de setembro. Existia aquela ansiedade, principalmente para quem participava da Banda Marcial da Escola. Lá no sítio, em Pedro Velho, ficávamos contando os dias para que chegasse. Era muito bom mesmo. As participações que a escola tinha nos Pelotões, a gente se empolgava mesmo. Isso animava o lugar e nossas próprias vidas (Entrevista - MEDEIROS, 2020).*

Embora suas memórias apontem para um certo passado romantizado sobre a escola, há de se levar em conta que a perda do prédio da antiga instituição atue influenciando o processo de rememoração afetiva dessa narradora. Já as memórias de Rosana Firmino de Normando (2020) revelam as primeiras impressões que a narradora experienciou ao perceber como o impacto, proveniente da Barragem de Acauã, afetou negativamente o setor educacional pós enchente, principalmente a cultura escolar, produzida pela Escola José Cosme Irmão:

*Com aquela remoção, que nos levou ao Novo Pedro Velho, os prejuízos que a gente teve foram incalculáveis, principalmente no âmbito educacional. Este que passou por uma fragmentação das salas de aula, que na época, passaram a funcionar em pequenas casas de placas. (NORMANDO, 2020)*

Estas memórias podem ser confirmadas pela imagem seguinte:

**Figura 4** - Casa utilizada como “escola” no Novo Pedro Velho



Fonte: Acervo pessoal de Rosana Firmino de Normando, 2004.

O registro imagético, confirma o depoimento da narradora, representando uma das três ou quatro casas onde funcionava a escola que atendia os alunos das séries iniciais no novo Pedro Velho. A ausência de identificação na casa, enquanto escola, nos chama a atenção.

Possivelmente, os recém-chegados alunos souberam onde estudariam pelo “boca a boca”, comunicação que tratava de anunciar esses espaços onde se davam as aulas.

A farda passaria a ser uma opção, tendo em vista a falta de formalidade que o próprio espaço pedagógico ambientava. Acerca disso, Maria Solange Araujo de Lima Brito (2020) relembra que: *“Já tinham construído a nova Escola José Cosme Irmão, só que o povo, sem ter onde ficar, invadiram ela. Daí, a escola não funcionava lá, porque era para as pessoas desabrigadas, que também ficaram nas igrejas e em outros espaços”*.

Além das casas de placas, o ensino também funcionava nas casas de alvenaria, embora todas estivessem ainda em construção. A respeito das casas de placas adaptadas enquanto escolas, Elaine Eloiza (2021) faz a seguinte afirmação: *“Mandei retirar as placas que dividiam a sala da cozinha, assim ficou um vão só, de modo que o espaço ficava maior e podíamos proporcionar uma sala de aula um pouco maior”*.

A ausência de suportes materiais e recursos, além dos incômodos causados pelas inúmeras inadequações das casas eram motivos de frequentes reclames. Elaine Eloiza (2021) lembra que, na época, seu noivo a ajudou a construir: *“[...] por conta própria, um quadro verde, feito de cimento”,* que lhe auxiliaria como recurso básico, para que as aulas acontecessem sem maiores transtornos.

Em casas desse modelo, também funcionavam várias escolas do tipo EJA, conforme ressaltado por Edleuza Custódio de Medeiros, na sua tese intitulada *“Registro da Atuação do Movimento dos atingidos por Barragens nos reassentamentos de Acauã”*. Já a respeito das casas de alvenaria em construção e desse “novo” ambiente educacional, Maria Solange rememorou que:

*Foi muito difícil lá. Nada havia sido totalmente construído ainda. Então, nós professoras, ficamos divididas em umas salas em casas, ainda sem portas. A gente improvisava, sem ter cadeiras suficientes. Os meninos sentavam-se pelo chão, sem ter mesa e nem birô. A gente ficava em uma mesinha, foi assim o começo educacional no novo Pedro Velho (Entrevista - LIMA, 2020).*

Se as casas de placas eram salas de aula que dispunham de carteiras e quadros, também se faziam apertadas e calorentas. As de alvenaria sequer reboco possuíam e lhes faltavam carteiras, tudo isso se fez presente naquele contexto. Paralelamente a esse difícil (re)começo educacional, houve considerável contratação de professoras, para atender toda a demanda que o contexto exigia.

Mas, havia a esperança e o sentimento entre os moradores de que, com a construção e conclusão do seu novo prédio, a Escola José Cosme Irmão marcaria o retorno a certa normalidade. Ledo engano. As várias escolas que dependiam do antigo prédio ficaram, como já

dissemos, extremamente fragmentadas. As salas de aula do “prédio de grande porte” virariam lares para os desabrigados, enquanto as casas de placas e de alvenaria, ainda em construção, se tornaram salas de aula, lugares improvisados para sediar o processo de escolarização durante o período de 2002 a 2004.

Apropriado por cerca de sete famílias, o novo prédio da escola virou casa para elas, no cenário pós-enchente. Famílias como as da Sra. Marinete Bernardo, do Sr. Inácio Bernardo e da Sra. Imaculada Barbosa, moravam no antigo Pedro Velho, em casas da Prefeitura Municipal de Aroeiras ou pertencentes, ainda, à Igreja Católica Apóstolica Romana de Aroeiras. Por não terem casas próprias, conseqüentemente, não receberam indenizações, tendo que ocupar a escola, ou ainda, outros espaços, como Igrejas e Posto de Saúde (instituições prediais ainda em construção).

A Escola José Cosme Irmão, após algumas reformas, atualmente, encontra-se assim:

**Figura 5** - Escola José Cosme Irmão/ Novo Pedro Velho



A referida instituição está situada na rua Pedro Alves Barbosa, Distrito do Novo Pedro Velho/Vila, sem número, Aroeiras - PB. Ela surgiu como fruto de tantas outras escolas, que foram submersas pela Barragem de Acauã, tais como: Escola Pedro Bezerra de Lima, Escola Manoel Gonçalves da Silva, Escola Camilo Alvares de Freitas, Escola Anasto Cabral e a escola em destaque no nosso estudo.

Um passado cheio de perdas, dores e muito sofrimento, que legou a educação pedrovelhense nos anos de 2004, a submersão de várias escolas, conseqüente fragmentação das salas de aulas e o funcionamneto da escola, propriamente dita, como lar/abrigo para os desabrigados.

### Considerações Finais



Nesta pesquisa, percebemos a Barragem Argemiro de Figueiredo (Acauã) como fruto de sua época, das condições históricas profundamente marcadas pelas narrativas desenvolvimentistas de combate à seca, mas não deixamos de tomá-la também como fruto de discursos, geralmente atrelados à melhorias econômicas e sociais, que revestem a prática vivida, em Pedro Velho, de um real “massacre sentimental”, conforme vimos através das memórias vivas dos antigos moradores pedrovelhenses. Com este estudo concluímos que Acauã esteve diretamente ligada a desorganização da cultura escolar promovida pela Escola José Cosme Irmão, a qual, mesmo no novo cenário, onde o ensino funcionou em casas de placa lutou para manutenção de antigas práticas educativas, no novo cenário instaurado.

## Referências

- ANDRADE, Abel Francisco. *Barragem de Acauã: Entre os discursos, as representações e as práticas ribeirinhas*. Dissertação (Especialização em História). IESP. Campina Grande- PB, 2014.
- CORREIA, Joab das Neves [et al]. *Barragem Argemiro de Figueiredo (Acauã): Perenização do Baixo Paraíba e desenvolvimento econômico*. Anais eletrônicos do II Congresso Internacional da Diversidade do Semiárido - CONIDIS. Campina Grande/PB, 2017.
- FARIA FILHO, Luciano Mendes. *Escolarização e Cultura escolar no Brasil: reflexões em torno de alguns pressupostos e desafios*. In: *Culturas escolares, saberes e práticas educativas: itinerários históricos*. São Paulo: Cortez, 2007.
- GRUZINSKI, Serge. “Por uma história das sensibilidades”. In: PESAVENTO, Sandra. *Sensibilidades, Escrita e leitura da alma*. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Sensibilidades na História: Memórias singulares e identidades sociais*. Porto alegre: UFRGS, p7-21, 2007.
- LARROSA, Jorge. *Escritos sobre experiência*; tradução Cristina Antunes, João Wanderley Geraldi. 1ed3.Reimp. Belo horizonte: Autentica Editora, 2015.
- LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Tradução Bernardo Leitão:Campina. Campinas São Paulos: Editora Unicamp,1990.
- MEDEIROS, Edleuza Custódio de. *Registro da Atuação do Movimento dos atingidos por Barragens nos reassentamentos de Acauã: alfabetização de jovens e adultos*. Tese. Ufrn. Natal/RN, 2010.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabíola. *História Oral: Como fazer, como pensar*. 2 ed, São Paulo: Contexto, 2015.